

## O discurso homofóbico nas redes sociais da internet: uma análise no facebook “Rio sem Homofobia - Grupo Público”

---

Monica Lucia Gomes Dantas<sup>I</sup>  
André de Faria Pereira Neto<sup>II</sup>

**Resumo:** A violência é um fenômeno histórico, socialmente construído. Alguns grupos costumam ser mais vulneráveis à violência do que a população em geral. Entre esses eles encontram-se as lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, denominado de Grupo LGBT. A violência contra as pessoas LGBT pode assumir uma forma física ou simbólica. A violência simbólica em razão de orientação sexual e identidade de gênero assume diversas formas e meios de expressão na Web 2.0. Este artigo tem como objetivo analisar discursos homofóbicos religiosos e suas reações no Facebook “Rio sem Homofobia – Grupo Público”. A etnografia virtual foi o método utilizado neste estudo exploratório. Os resultados demonstraram elevado grau de violência simbólica nas postagens realizadas no grupo. Concluiu-se que a homofobia na *internet* pode aumentar o estigma em relação às pessoas LGBT. Mais estudos são necessários para a compreensão do fenômeno.

Palavras-chave: Violência; Homofobia; Internet; Religião.

### Homophobic’s speech in social networks internet: an analysis on facebook “Rio Without Homophobia – Public Group”.

**Abstract:** Violence is a historical phenomenon, socially constructed. Some groups tend to be more vulnerable to violence than the general population. Among these they are lesbians, gays, bisexuals, transvestites and transsexuals, known as LGBT Group. Violence against LGBT people can take a physical or symbolic form. Symbolic violence due to sexual orientation and gender identity takes many forms and means of expression Web 2.0. This article aims to analyze religious homophobic speeches and his responses on Facebook "Rio Without Homophobia - Public Group". The method used in this exploratory study was virtual ethnography. The results demonstrated high degree of symbolic violence on posts held in the group. It was concluded that homophobia on the internet can increase stigma towards LGBT people. To understand the phenomenon more studies are needed.

**Keywords:** Violence; Homophobia; Internet; Religion.

# O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

## 1. INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno histórico, socialmente construído e que deve ser compreendido a partir da análise das relações socioeconômicas, políticas, culturais e sociais específicas.<sup>III</sup> Embora presente em todos os estratos sociais, alguns grupos costumam ser mais vulneráveis à violência do que a população em geral. Esta condição pode ser explicada a partir dos preconceitos e discriminações constantes que sofrem e que podem afetar a autoestima e a saúde física e mental destes grupos. Entre eles encontram-se as lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, denominado de Grupo LGBT.

A violência contra as pessoas LGBT pode assumir uma forma física ou simbólica. Esta segunda promove a discriminação e a exclusão que priva o sujeito de seus direitos de cidadão, colocando-o em uma situação de inferioridade.<sup>IV</sup> A raiz da “violência simbólica” estaria presente nos símbolos e signos culturais, especialmente no reconhecimento tácito da autoridade exercida por certas pessoas e grupos de pessoas sobre outras<sup>V</sup>. Este conceito pode ser aplicado à discriminação dirigida aos LGBT, considerados como seres desviantes, por discordarem da heteronormatividade e/ou das normas de gênero predominantes culturalmente na sociedade. Já o “poder simbólico” se estabelece quando alguém, um grupo ou instituição consegue ditar seu ponto de vista sobre outro. Assim ele consegue se impor e ser mais aceito do que outro. Com isso o modelo que se torna hegemônico determina o modo de comportamento, que passa a ser naturalizado.<sup>VI</sup>

A “violência simbólica” contra os LGBT ficou conhecida pela expressão “homofobia”:

[...] a homofobia tem um papel importante, dado que é uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquização das sexualidades, que confere à heterossexualidade um status superior e natural. Enquanto a heterossexualidade é definida pelo dicionário como a sexualidade (considerada normal) do heterossexual, e este, como aquele que experimenta uma atração sexual (considerada normal) pelos indivíduos do sexo oposto, a homossexualidade, por sua vez, encontra-se desprovida dessa normalidade.<sup>VII</sup>

O termo homofobia costuma ser empregado em referência a todo um conjunto de ações, palavras e “emoções negativas” em relação a pessoas homossexuais<sup>VIII</sup>. “Essas emoções, em alguns casos, seriam a tradução do receio (inconsciente e ‘doentio’) de a própria pessoa homofóbica ser homossexual (ou de que os outros pensem que ela seja).”<sup>VIII</sup> Essa hostilidade pode constituir um ódio generalizado às pessoas homossexuais, ou assim consideradas.

A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos do seu próprio sexo. Forma específica do sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel determinado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hétero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e, dessa postura, extrai consequências políticas.<sup>IX</sup>

A homofobia pode se traduzir em atitudes opressivas e mecanismos discriminatórios associados, como preconceito, discriminação e violência. Números recentes com base no “Relatório sobre violência homofóbica no Brasil”, publicado pela “Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República” em 2012 evidenciam que as violações dos direitos humanos relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero se traduzem em diferentes

# O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

espécies de abusos e discriminações.<sup>x</sup> O relatório indica que as palavras e ações homofóbicas costumam ser agravadas por aspectos como idade, raça/cor, deficiência e situação socioeconômica. Neste relatório a homofobia é entendida como:

Preconceito ou discriminação (e demais violências daí decorrentes) contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero presumidas. A lesbofobia, a transfobia e a bifobia, serão compreendidos pela homofobia, para melhor fluência no texto.<sup>xi</sup>

Esta retórica da exclusão pode ser observada em várias situações, contextos e lugares, como a escola e os livros didáticos,<sup>xii</sup> a igreja,<sup>xiii</sup> os ambientes de trabalho<sup>xiv</sup> e os meios de comunicação.

A *internet* não está, portanto, fora deste contexto. A homofobia pode ser encontrada em *sites*, *blogs* e nas redes sociais.

A *internet* é uma importante ferramenta de transmissão e produção de informações. Seus conteúdos são diversos. Eles podem ser consultados e gerados por muitas pessoas, em qualquer lugar e hora. Estas informações têm estado ao alcance de um número cada vez maior de pessoas<sup>xv</sup>. O fim das distâncias, promovido pela *internet* proporciona o trânsito de informação e promove a navegação em um tempo e espaço perceptíveis por cada usuário de forma individual.<sup>xvi xvii</sup>

Os internautas participam atualmente de forma ativa na construção dos conteúdos na *Web 2.0*, que marca a passagem da ênfase na publicação (ou emissão, de acordo com o modelo transmissionista) para o papel de participação ativa dos internautas.<sup>xviii</sup> Com a *Web 2.0* houve uma:

Mudança para uma *internet* como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva.<sup>xix</sup>

A possibilidade de pessoas, ONGs e movimentos sociais tornarem-se emissores de conteúdo representa um grande potencial de transformação que a *internet* pode proporcionar.<sup>xx</sup> Dessa forma, “a socialização do acesso à *internet* significa a necessidade de romper novas barreiras que impedem o exercício ampliado da cidadania com igualdade e liberdade.”<sup>xxi</sup>

A possibilidade das informações serem compartilhadas e o relativo anonimato que a rede proporciona, permitem que alguns indivíduos e grupos tornem públicas suas posições e ideias.<sup>xxii</sup>

O *Facebook* é um caso especial. Trata-se de uma rede social na qual os internautas compartilham informações com amigos, postam fotos, vídeos e estabelecem laços de solidariedade em grupos:

O Facebook é um site de redes sociais utilizado em larga escala e mundialmente. Além disso, caracteriza-se por, no passar dos anos, ter ampliado suas possibilidades de participação inserindo novas funcionalidades, principalmente inspiradas pela própria utilização da plataforma por seus usuários. Seu objetivo parece ser o de abranger todas as formas de compartilhamento e leitura de conteúdo pessoal ou informativo online. Tornando-se, assim, um ambiente complexo onde se torna possível observar uma grande variedade de dados referentes à formação de identidade e trocas de conteúdos com os quais os sujeitos se identificam.<sup>xxiii</sup>

Existem diversos *Facebooks* que visam combater a discriminação e a violência contra LGBT. Um deles é o “Rio sem Homofobia – Grupo Público”.<sup>xxiv</sup> Este grupo é formado por pessoas, que, em sua maioria, pertencem aos movimentos sociais LGBT.

# O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

Este artigo visa analisar o discurso homofóbico presente no *Facebook* “Rio sem Homofobia”. Este ambiente coletivo foi escolhido por terem sido postadas, no período investigado, inúmeras mensagens homofóbicas, com expressivo conteúdo de violência simbólica. Em outros *Facebooks* a retórica homofóbica não se verificou com a mesma frequência e intensidade.<sup>xxv</sup>

Os ambientes *online* podem ser classificados segundo a privacidade, em públicos, semipúblicos, semiprivados e privados.<sup>xxvi</sup> O “ambiente público” está disponível para todos. O semipúblico requer cadastro do participante, enquanto o semiprivado necessita de convite ou aceitação do membro. Para participação em um ambiente privado é requerida autorização. O *Facebook* - “Rio sem Homofobia” - foi escolhido para ser analisado neste artigo por se tratar de um ambiente público.

Assim, pessoas que condenam o comportamento homossexual entraram em um *Facebook* voltado para a população LGBT, para fazer *posts* de cunho homofóbico.<sup>xxvii</sup>

Este aspecto justifica também a escolha por este ambiente virtual para análise.

## MÉTODOS

Neste artigo utilizaremos o método etnográfico. Este método é privilegiado em pesquisas qualitativas, pois permite uma imersão no cotidiano do grupo estudado, fornecendo o conhecimento de suas “lógicas internas”.<sup>xxviii</sup> “A etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”<sup>xxix</sup>. Nestes termos, é possível se falar em Etnografia Virtual? O ciberespaço é um ambiente ainda mais instigante para a observação etnográfica, quando se consideram as interações humanas que nele se processam. A etnografia é uma metodologia ideal para o estudo das complexas inter-relações existentes na *internet*. Ela leva o investigador a adentrar nesse universo por um período de tempo, apropriando-se das relações, atividades e significações que ocorrem entre os participantes.<sup>xxx</sup>

A etnografia virtual foi o método utilizado neste estudo exploratório. A etnografia virtual analisa as formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas e interpreta seus significados e funções através da observação direta, por um período de tempo. Para tanto realiza uma intensa imersão pessoal na interação mediada por computador.<sup>xxix xxx</sup>

A etnografia virtual, além da diversidade de métodos aplicáveis (análises quantitativas e estatísticas, análise de redes sociais, análise de discurso *online*, análise de conteúdo, grupo focal *online*), pode ser empregada para a investigação de um sem número de objetos comunicacionais na internet. São características de destaque a vivência em campo, a possibilidade de utilização de múltiplas técnicas de pesquisa e a narrativa personalizada.<sup>xxxi</sup>

Numa etnografia do virtual a observação participante ainda é o método, por excelência, para compreender um grupo social específico. É necessário dominar a linguagem do grupo, conhecer seus mecanismos de sociabilidade.

Percebe-se que uma ciberantropologia, da forma como está esboçada aqui, apoia-se eminentemente na interpretação dos fenômenos comunicativos que se lhe apresentam enquanto dado. A complexidade e interrelacionamento dos fatores envolvidos são muito grandes para permitir uma explicação em termos de origens ou para uma busca do meio no qual se origina a estrutura básica da performance comunicativa ciberespacial. O que o trabalho de campo pode proporcionar (e, efetivamente, o faz) são evidências da existência de uma estrutura comunicacional que subjaz às diferenças ocasionadas pela especificidade de cada meio. É evidente que estas estruturas também sofrem influência e interagem com as estruturas

# O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

utilizadas na vida "off-line" de grupos urbanos, o que torna o tema ainda mais complexo e, por consequência, fascinante.<sup>xxxii</sup>

A pesquisa de Etnografia Virtual foi realizada no período de tempo compreendido entre 12 e 26 de agosto de 2014. As postagens anteriores a este intervalo de tempo foram observadas e incluídas na análise que se segue.

## RESULTADOS

Nossa observação etnográfica deste ambiente virtual foi capaz de observar diferentes faces do discurso homofóbico.

Uma delas associa homossexualidade à possessão demoníaca. “Sob a ótica dessa perspectiva, os transtornos sociais e psicológicos que colaboram para o desenvolvimento do *homossexualismo* podem ser causados por influência espiritual”.<sup>xxxiii</sup> Uma das postagens faz uma menção neste sentido, afirmando:

*Post 1:* ... Outro fator muito observado dentro das Igrejas Evangélicas é quando em meio às orações de exorcismo e repreensão do mal, indivíduos homossexuais ou efeminados, têm seus sentidos dominados por entidades demoníacas oriundas de cultos africanos, e uma vez expulsas tais entidades, os indivíduos passam a ter comportamento normal e heterossexual. Daí então, concluímos dentre outras coisas que: **Homossexualismo é principalmente POSSESSÃO DEMONÍACA**”. Postado no dia 06/01/2014. Internauta 1.<sup>xxxiv</sup>

Esta denominada “possessão demoníaca” teria, segundo o discurso homofóbico deste internauta, um fundamento no Antigo Testamento. O Internauta 2, no mesmo dia que o Internauta 1, postou o seguinte neste *Facebook*:

*Post 2:* “... Justamente por ser tal horrendo ato tratado pela Bíblia de abominação, e por declarar as Escrituras que neste “clima” (asas), virá o assolador (anticristo ou diabo encarnado); sendo por todos notado o grande clamor a aberração do homossexualismo, deixamos então, o nosso definitivo alerta: - Chegamos a mais um fim parcial semelhante ao dilúvio, onde a exaltação ao erro, somente pré anuncia a fixação do trono das trevas. (Apocalipse 12:12) - Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo. Postado no dia 06/01/2014. Internauta 2.

Os corpos dos homossexuais nas religiões conservadoras pentecostais são vistos como possuídos por espíritos malignos.<sup>xxxv</sup> São corpos contaminados, impuros, contrários à natureza divina:

Trata-se de um corpo transpassado pelos *poderes malignos*, infestado por *legiões de demônios*, contaminado, um *corpo habitat*, receptáculo dos *diabos*, portador de desejos equivocados em relação à *verdade* e à natureza divina.<sup>xxxvi</sup>

A Bíblia é considerada como lei máxima no que se refere à condenação à homossexualidade nos *posts* analisados. Segundo eles, estaria escrito na Bíblia que “os afeminados não herdarão o reino de Deus” (*Post* do dia 06/06/2013. Internauta 1).

O discurso evangélico conservador atribui um caráter abonimador para a homossexualidade. Isto significa dizer que esta retórica defende a existência de uma posição de pureza da heterossexualidade em relação à suposta impureza do homossexualismo.<sup>xii</sup>

# O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

Alguns textos bíblicos têm sido mais utilizados, neste sentido, entre os quais se destacam “Sodoma e Gomorra” (Gênesis – capítulo 1, a partir do versículo 19), Levítico (versículos 19 a 30), Romanos, capítulo 1 (versículos 26 e 27) e a Primeira Epístola aos Coríntios.

Textos bíblicos são usualmente empregados para reiterar o ‘paradigma do pecado’, recorrendo a interpretações da Palavra que se pretendem literalistas. O confronto entre porta-vozes religiosos que aderem a esta perspectiva e representantes das minorias sexuais, segundo esta lógica cultural, expressa a tensão entre a ‘Lei de Deus’ e a ‘Lei dos homens’.  
xxxvii

Os textos mais comumente invocados nos discursos homofóbicos proferidos nas igrejas e também em páginas da *internet* são:

A conhecida passagem de *Sodoma e Gomorra*, localizada em Gênesis – capítulo 1, a partir do versículo 19 – é possivelmente a mais citada. Conforme esta leitura, a cidade de Sodoma teria sido destruída em razão do ‘pecado’ do ‘homossexualismo’ [...] Deus teria destruído a cidade de Sodoma em decorrência da prática deste pecado, e desde então enviaria pestes, epidemias e morte de modo a dizimar homossexuais, nações idólatras e outros pecadores. A citação do livro de Levítico é também recorrente. Os versículos 19 a 30 tratam das uniões ‘abomináveis’. O versículo 22, especificamente, instruiria que o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo constitui uma abominação, visto que Deus reprova o comportamento de ‘varão que se deita com outro varão’, ‘como se fosse mulher’...  
xxxviii

Além de pecadores e condenados a ir para o inferno, os homossexuais são vistos como indivíduos perigosos para a sociedade, por serem considerados como promíscuos, propagadores de doenças e pela associação com a pedofilia.  
xiii

Uma segunda versão do discurso homofóbico presente no facebook analisado associa a prática de vida homossexual como sendo a da promiscuidade. O internauta 1 postou no dia 6 de Janeiro de 2014 um evento denominado “a cura para o homossexualismo”, com convites para os membros do grupo, e um link para um vídeo disponível no *Youtube* denominado “A Provocação”. O vídeo tem mais de 20 minutos de duração. Parte dele é dedicada aos homossexuais. “Vergonha, monstruosidade, promiscuidade, aberração, execração, possessão demoníaca e cura do homossexualismo” são as palavras e expressões enunciadas por um pastor dirigidas aos homossexuais. Outros dois convites para eventos com o mesmo propósito foram postados no grupo em datas diversas (21 de novembro de 2013 e 17 de julho de 2012).

Estes convites não foram recebidos passivamente pelos participantes desta comunidade. Vários internautas manifestaram desagrado e irritação em relação ao fato destes convites terem sido enviados para o grupo. Em relação ao convite do dia 17 de Julho a reação foi a seguinte:

*Post:* Gente, burrice tem limites! O que leva alguém a me convidar a participar de um grupo que se intitula: BÍBLIA SIM, CONSTITUIÇÃO NÃO! CURA PARA HOMOSSEXUALISMO! Primeiro sou estudante de direito e como tal acredito ser um absurdo e um ataque ao Estado alguém criar um grupo deste. Mas o que esperar de religiosos fundamentalistas hipócritas que acreditam que a bíblia está ou deva estar acima das leis que regem nosso país? O BRASIL É DEVE SER E CONTINUARÁ SENDO LAICO. Este povo na maioria cresce na graça do poder divino e esquece de crescer no conhecimento, Jesus foi o primeiro a respeitar os indivíduos em sua liberdade e tbém o Estado, eu não me lembro dele incitando rebeldia contra as leis dos homens. Dai a César o que é de César o reino divino não é aqui, vá estudar teologia seu fanático. Segundo: Conselho Federal de Psicologia já aboliu a muito tempo o termo homossexualismo o que dava conotação de algum distúrbio, então curar o que? Ser gay não é ser doente, mas pra variar os ungidos estão sempre acima da lei, da constituição e também acima dos estudos científicos...

Postado no dia 17/07/2012. Internauta 6.

# O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

Uma terceira dimensão do discurso homofóbico busca associar a população LGBT às práticas de pedofilia.<sup>xxxix</sup>

O internauta dois postou seguidamente no grupo imagens agressivas denominadas de “anti-homossexualismo”. Entre os dizeres constantes nas imagens: “Bíblia sim, homossexualismo não. Fim à pederastia” (Internauta 2, *post* do dia 4 de abril de 2013); “proteja seu filho do homossexualismo. Diga não à pederastia” (Internauta 2, *post* do dia 4 de abril de 2013); “deboche, escárnio, zombaria e blasfêmia. Esses são os gays que bradam nas ruas por direitos e respeito”(Internauta 2, *post* do dia 4 de abril de 2013).

Como foi apresentado anteriormente, o *Facebook* “Rio sem Homofobia – Grupo Público” é um grupo de pertencimento LGBT. As reações neste caso também foram evidentes. Por esta razão um de seus frequentadores perguntou:

*Post:* Vcs vão deixar esse M. disseminar comentários homofóbicos e violentos contra nós?

Postado no dia 04/04/2013. Internauta 3.

*Post:* Quem deixou o M. entrar nesse grupo hein? palhaçada! acho q ele não tem mais o que fazer ou fica invadindo os grupos e perfis dos integrantes pra ver suas fotos e depois pagar de homofóbico. se diverte com as nossas fotos e a nossa liberdade e depois dá o grito da meia noite!

Postado no dia 04/04/2013. Internauta 3.

O internauta 4 se sente no direito de processar o responsável pelos insultos homofóbicos. Seu apelo é para que os demais membros do grupo também o processem.

*Post:* Aí pessoal, tem um cara aí chamado M. que está usando de ofensas pesadas para se dirigir a nós homossexuais, vamos processa-lo em série, pois a constituição federal e o código civil nos assegura esse direito... quanto mais pessoas se mobilizarem, SEREMOS RESPEITADOS MAIS RAPIDO... ESPERO QUE VOCES SE MOVAM TAMBEM, AFINAL O PRECONCEITO NÃO SÓ ME ATINGE COMO A TODOS VOCES!

Postado no dia 04/04/2013. Internauta 4.

## DISCUSSÃO

Neste trabalho observamos, em linhas gerais, que a homossexualidade é vista como uma possessão demoníaca e que a vida do homossexual é considerada como regida pela promiscuidade e pedofilia. Nesse contexto, a heterossexualidade é considerada a única possibilidade de exercício da sexualidade. Os autores dos *posts* analisados neste artigo se dizem capazes de curar a homossexualidade. Chegam inclusive a convidar os frequentadores do *Facebook* a determinados eventos que teriam esta finalidade. Sobre o papel da religião protestante em relação à sexualidade:

A pedagogia sexual do Protestantismo brasileiro reproduz as formas apresentadas pelo Protestantismo puritano norte-americano: a sexualidade da norma, sem nenhum referencial à identidade do sujeito e sem nenhuma referência ao prazer. Trata-se, na verdade, de uma sexualidade ascética, cujo objetivo central é a funcionalidade do matrimônio e a geração de filhos.<sup>xl</sup>

Por outro lado, as características do discurso homofóbico religioso são as seguintes:

O discurso homofóbico segue essa lógica bem simples: coloca o homossexual como o antinatural ou anormal, e os heterossexuais como normais. Existe, portanto, para esse discurso, uma atitude imoral, vergonhosa, promíscua na homossexualidade e,

# O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

portanto, nos homossexuais, de modo que se aceitarmos esse grupo, a sociedade, em sua base familiar tradicional, ficará desestabilizada.<sup>XL1</sup>

A questão está relacionada à vigilância e controle da sexualidade da seguinte forma:

[...] Se, nos dias de hoje, ela (a sexualidade) continua alvo da vigilância e do controle, agora se ampliaram e diversificaram-se suas formas de regulação, multiplicaram-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe as normas, a definir-lhe os padrões de pureza, sanidade ou insanidade, a delimitar-lhe os saberes e as práticas pertinentes, adequados ou infames /.../<sup>XLII</sup>

A regulação da sexualidade pelos evangélicos conservadores pode ser explicada pelas visões que estigmatizam a homossexualidade. A diversidade sexual é excluída como possibilidade e demonizada pelos discursos. As políticas que visam conceder direitos às minorias sexuais são rejeitadas. Há, portanto, uma conexão entre homofobia, valores religiosos e convenções sociais.<sup>XLIII</sup>

O convite do internauta evangélico para um evento de “cura do homossexualismo” realizado aos membros do grupo “Rio sem Homofobia – Grupo Público” reforça a concepção religiosa de possessão do corpo por demônios, os quais poderiam ser exorcizados através da “cura” oferecida àqueles que a quiserem. Revela ainda que alguns internautas evangélicos não têm limites para sua saga homofóbica: eles entram em ambientes virtuais LGBT, que condenam a homofobia, para apresentar com todas as letras sua intolerância com o comportamento e valores dessa população.

[...] esta prática pode ser interpretada a partir de uma cosmologia da *batalha espiritual*, segundo a qual os demônios disputam com Deus a posse dos homens. Esta linguagem cultural possibilita a emergência de aconselhamentos e rituais específicos voltados à libertação e à cura da homossexualidade, sugerindo modernas formas de regulação da sexualidade existentes em ambientes religiosos. Tais discursos e práticas podem ser interpenetradas a saberes psicologizantes que promovem uma patologização da homossexualidade...<sup>XXXIV</sup>

Uma das instâncias de controle dos corpos e da sexualidade pode ser a *internet*, especialmente blogs e redes sociais. O anonimato garante o direito a um uso do *Facebook* como “ferramenta de violência simbólica, onde o discurso reproduzido é capaz de perpetuar o estigma social e dar-lhe novos contornos”.<sup>XLIV</sup> A “violência simbólica” é conceituada como aquela relacionada à linguagem. “É um produto das relações históricas de dominação nos espaços sociais, que passa a residir também nos espaços on-line”.<sup>XLV</sup>

A utilização do *Facebook* “Rio sem Homofobia – Grupo Público” para veicular mensagens homofóbicas contem, a nosso entender, elevado teor de violência simbólica. As postagens realizadas no grupo ferem este espaço de pertencimento LGBT e a dignidade de seus integrantes.

## CONCLUSÃO

Ambientes *online* LGBT são espaços de autoafirmação de identidades de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Para indivíduos que vivenciam esta condição socialmente estigmatizada, o espaço de pertencimento *online* adquire uma importância significativa.

[...] Nessas comunidades, eles encontram um lugar no qual podem se expor como desejam, sem serem agredidos, etiquetados, estigmatizados. O ambiente [...] representa, para eles, um espaço onde, além de ser possível experimentar ou viver a orientação homossexual, é possível também se constituir enquanto tal.<sup>XLVI</sup>

Os espaços de pertencimento *online* são importantes para a atenuação do estigma social vivido por pessoas LGBT. O fato de haver apoio mútuo entre os participantes possibilita a vivência da orientação sexual com menos conflitos.



# O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

O indivíduo necessita de referências, de códigos comuns, que promovam o laço social, por isso cada comunidade inventa (ou transporta para a rede) ritos, festas ou uma linguagem comum. Certos ritos permitem a identificação de uma certa comunidade e possibilitam saber quem pode fazer parte dela ou não. Esses são os ritos de reconhecimento. A confiança que se estabelece entre os membros de comunidades virtuais se exprime através desses ritos de reconhecimento. Assim, o essencial para manter o laço social não é apenas o instrumento técnico utilizado, mesmo que ele tenha um papel importante, mas a maneira como os participantes se comunicam entre si e organizam suas relações coletivas.<sup>XLVII</sup>

Foi exatamente em um destes ambientes que alguns internautas evangélicos foram postar seu discurso homofóbico, com forte cunho de violência simbólica.

A violência simbólica tem o poder de reproduzir estereótipos e estigmas. O conceito de “estigma” é definido como o atributo social negativo que se incorpora ao identitário de pessoas e grupos, por vários motivos. Um destes motivos é o sexual. Outros determinantes podem agravar a discriminação sexual como a cor da pele, o grau de instrução e a posição social.<sup>XXXVIII</sup>

O estigma, portanto, é uma marca negativa que caracteriza o indivíduo ou grupos de indivíduos, a despeito de qualquer outro aspecto positivo que estes possuam. O estigma “caracteriza, assim, categorias de indivíduos e as especificidades esperadas dessas categorias, através de seus estereótipos negativos.”<sup>XLIX</sup>

A imputação de estigma às pessoas LGBT ainda é frequente na sociedade brasileira, apesar dos avanços conquistados, como a união estável homoafetiva, sua possível conversão em casamento civil, a possibilidade de adoção de crianças e as paradas LGBT, etc. As recentes conquistas e a maior visibilidade não foram capazes de dirimir os preconceitos. A violência simbólica pode levar à violência física, identificada nos assassinatos e suicídios de pessoas LGBT. Nesse ponto poderia haver uma relação entre a violência física e a demonização das sexualidades não normativas presente no discurso de algumas religiões.

A homofobia praticada *online* não difere da que pode ser observada em outros ambientes. A escola, os serviços de saúde, outros serviços públicos e privados, e outras instituições da vida *offline* reproduzem o preconceito. O discurso homofóbico pode tornar-se evidente na maioria dos locais de trabalho, de sociabilidade e em outros ambientes.<sup>XII XIII</sup>

Algumas religiões desempenham um papel especialmente estigmatizante e discriminatório em relação a pessoas LGBT. O acesso livre ao *Facebook* “Rio sem Homofobia – Grupo Público” e as garantias oferecidas pelo anonimato possibilitaram que alguns indivíduos condenassem práticas homossexuais e convidassem os membros para eventos de cura. A utilização do espaço LGBT de compartilhamento e sinergia para a veiculação de mensagens homofóbicas possui, a nosso ver, alta carga de violência simbólica. Cabe questionar em estudos futuros quais seriam os impactos dessa violência na saúde emocional de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

## Notas

---

<sup>I</sup> Especialista em Gênero e Sexualidade pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2010). Mestre em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz (2007). Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fundação Oswaldo Cruz. Email: monicadantas2005@gmail.com.

<sup>II</sup> Pós-Doutor em Sociologia da Saúde pela Universidade da Califórnia, San Francisco (2006). Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1997). Pesquisador da Escola Nacional de Saúde  
Cadernos do Tempo Presente, n. 19, mar./abr. 2015, p. 27-41 | www.getempo.org

# O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

Pública onde coordena o Laboratório Internet, Saúde e Sociedade (LAISS) vinculado ao Centro de Saúde Escola Germano Sinval de Faria (CSEGSF). Professor credenciado do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, oferecido pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), da Fundação Oswaldo Cruz. Email: andreperreiraneito@gmail.com.

<sup>III</sup> MINAYO, M.C.S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: NJAINE, K.; ASSIS, S.G.; CONSTANTINO, P. (Org). **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2013.

<sup>IV</sup> BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

<sup>V</sup> BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

<sup>VI</sup> Id., 1989, p. 60.

<sup>VII</sup> BORRILLO, D. **Homofobia**. Barcelona: Bellaterra, 2001. p. 17.

<sup>VIII</sup> JUNQUEIRA, RD. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Revista Bagoas**, v.1, n.1, jul./dez. 2007. p. 4.

<sup>IX</sup> Id., 2007, p. 4.

<sup>X</sup> BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ANO DE 2012**. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>. Acesso em: 15 ago 2014.

<sup>XI</sup> Id., 2012, p.10.

<sup>XII</sup> VIANNA, C.; RAMIRES, L. A eloquência do silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. **Rev. psicol. polít.** [online]. 2008, v.8, n.16, p. 345-362. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-49X2008000200011&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-49X2008000200011&script=sci_abstract)>. Acesso em: 03 mar. 2015.

<sup>XIII</sup> NATIVIDADE, MT.; OLIVEIRA, L. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad* - n.2 - 2009 - pp.121-161. Disponível em: <[www.sexualidadsaludysociedad.org](http://www.sexualidadsaludysociedad.org)>. Acesso em: 15/05/2015.

<sup>XIV</sup> FREIRE, L.M. “Isto aqui é um lugar de respeito”: homofobia, emoções e regulação dos espaços públicos. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

<sup>XV</sup> GARBIN, H.B.R; PEREIRA NETO, A.F; GUILAM, M.C.R. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. **Interface**. 2008, vol.12, n.26, pp. 579-588.

<sup>XVI</sup> CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>XVII</sup> LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p.

<sup>XVIII</sup> O'REILLY, T. **What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. O'Reilly Publishing, 2005.

<sup>XIX</sup> Id., 2005, p. 3.

<sup>XX</sup> PERUZZO, C.; BRITTES, J. **Sociedade da informação e novas mídias**: participação ou exclusão? São Paulo: Intercom, 2002.

<sup>XXI</sup> PERUZZO, C.M.K. Internet e democracia comunicacional: entre os entraves, utopias e o direito à comunicação. In SATHLER, L.; MELO, J. M. (Org.). **Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação**. São Bernardo do Campo: UESP, 2005. p. 286.

<sup>XXII</sup> DAVID, J.; PEREIRA NETO, A. F.; BAGRICHEVSKY, M. Cultura Identitária pró-anorexia: características de um estilo de vida em uma comunidade virtual. **Interface**. v. 15, n.37, p. 447-460, 2011.

<sup>XXIII</sup> MAZZOCATO, S.B. A reconfiguração do sujeito através de sua representação online: as características e os processos no Facebook. Porto Alegre, 2014. 165 f.; il. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Porto Alegre, RS, 2014. p. 23.

# O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

- <sup>XXIV</sup> FACEBOOK. **Rio sem Homofobia** [Grupo Público]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/168085753247146/?fref=ts>>. Acesso em: 14 jun. 2015.
- <sup>XXV</sup> Visitamos os seguintes *facebook*s públicos que combatem a Homofobia: “Zero Homofobia / Lesbofobia / Transfobia” e “Homofobia Já Era”.
- <sup>XXVI</sup> ELM, M.S. How do various notions of privacy influence decisions in qualitative internet research? In: MARKHAM, Annette N.; BAYM, Nancy. **Internet inquiry: Conversations about method**. Los Angeles: Sage, 2009. p. 69 – 87.
- <sup>XXVII</sup> *Post* é um texto publicado ou enviado para ser publicado em uma página da internet.
- <sup>XXVIII</sup> DESLANDES, S.F. Trabalho de campo: construção de dados qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, M.C.S.; ASSIS, S.G.; SOUZA, E.R.(Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005. p. 157-84.
- <sup>XXIX</sup> ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 30.
- <sup>XXX</sup> HINE, C. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004. 214 p.
- <sup>XXXI</sup> FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- <sup>XXXII</sup> GUIMARÃES, M.J.L. Sociabilidade no ciberespaço: Distinção entre plataformas e ambientes. Página Pessoal do Pesquisador, 1999. Disponível em: <[http://www.cfh.ufsc.br/guima/papers/plat\\_amb.html](http://www.cfh.ufsc.br/guima/papers/plat_amb.html)>. Acesso em: 30 jul 2014. p. 20.
- <sup>XXXIII</sup> NATIVIDADE, M.T. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **RBCS** v. 21, n. 61, p. 119, Jun. 2006.
- <sup>XXXIV</sup> Id., 2006, p. 127.
- <sup>XXXV</sup> Nas citações foi preservada a formatação original.
- <sup>XXXVI</sup> NATIVIDADE, M.T.; OLIVEIRA, L. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. n. 2, p. 121 – 161, 2009. Disponível em: <[www.sexualidadsaludysociedad.org](http://www.sexualidadsaludysociedad.org)>. Acesso em: 11 Maio 2015.
- <sup>XXXVII</sup> Id., 2009, p. 12.
- <sup>XXXVIII</sup> Id., 2009, p. 12.
- <sup>XXXIX</sup> Entendemos pedofilia como a preferência sexual de um adulto por crianças – meninas ou meninos - do mesmo sexo ou de sexo diferente.
- <sup>XL</sup> GOMES, A.M.A. As Representações sociais do corpo e da sexualidade no protestantismo brasileiro. **Revista de Estudos da Religião**. n. 1, p. 1-38, 2006.
- <sup>XLI</sup> RANGEL, B. L. Discurso de ódio e PLC 122/06: liberdade de expressão ou direito de discriminar? Brasília, 2013.90 f. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Direito da Universidade de Brasília – UNB, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Direito. p.41, 42.
- <sup>XLII</sup> LOURO, G. Teoria *Queer*: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, 2001. P. 541.
- <sup>XLIII</sup> NATIVIDADE, MT. Homofobia religiosa e direitos LGBT: Notas de pesquisa. **Latitude**, v. 7, n. 1, p. 33-51, 2013.
- <sup>XLIV</sup> RECUERO, R.; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. **Galaxia**, n. 26, p. 239-254, dez. 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/14478>> . Acesso em 03 mar. 2015. p. 239.
- <sup>XLV</sup> Id., 2013, p. 240.
- <sup>XLVI</sup> NUSSBAUMER, G.M. Homossexualidade e subjetividade on line: um estudo de comunidades virtuais gays. **ALCEU**, v.6, n.11, p. 64 a 76, jul./dez. 2005. p. 73.
- <sup>XLVII</sup> NUSSBAUMER, G.M. Cibercultura, sociabilidade e subjetivação. **O Olho da História**, n. 14, Jun. 2010. p. 6.

# O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

<sup>XLVIII</sup>GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1980.

<sup>XLIX</sup> RECUERO, R.; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. **Galaxia**, n. 26, p. 239-254, dez. 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/14478> . Acesso em 03 mar. 2015. p. 241.

## Referências Bibliográficas

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL. SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil**: ano de 2012. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>. Acesso em: 15 ago 2014.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.

BORRILLO, D. **Homofobia**. Barcelona, Bellaterra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DAVID, J. ; PEREIRA NETO, A. F.; BAGRICHEVSKY, M. Cultura Identitária pró-anorexia: características de um estilo de vida em uma comunidade virtual. **Interface**. v. 15, n.37, p. 447-460, 2011.

DESLANDES, S.F. Trabalho de campo: construção de dados qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, M.C.S; ASSIS, S.G.; SOUZA, E.R.(org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: Abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005.

ELM, M.S. How do various notions of privacy influence decisions in qualitative internet research? In: MARKHAM, Annette N.; BAYM, Nancy. **Internet inquiry**: Conversations about method. Los Angeles: Sage, 2009.

FRAGOSO, S; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FREIRE, L.M. “Isto aqui é um lugar de respeito”: homofobia, emoções e regulação dos espaços públicos. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

GARBIN, H.; PEREIRA NETO, A. GUILAM, M. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. **Interface**, v.12, n.26, p. 579-588, 2008.

O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE  
NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

GUIMARÃES, MJL. **Sociabilidade no ciberespaço**: distinção entre plataformas e ambientes. [Página Pessoal do Pesquisador], 1999. Disponível em:  
<[http://www.cfh.ufsc.br/guima/papers/plat\\_amb.html](http://www.cfh.ufsc.br/guima/papers/plat_amb.html)>. Acesso em: 30 Jul. 2014.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3.ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1980.

GOMES, A.M.A. As representações sociais do corpo e da sexualidade no protestantismo brasileiro. **Revista de estudos da religião**, n. 1, 2006. p.1-38.

HINE, C. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004. 214 p.

JUNQUEIRA, R.D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Revista Bagoas**, v.1, n.1, jul./dez. 2007.

LÉVY, P. **Cibercultura**. ed.São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p.

LOURO, G. Teoria *Queer*: uma política pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, 2001.

MAZZOCATO, S.B. A reconfiguração do sujeito através de sua representação Online: as características e os processos no Facebook. Porto Alegre, 2014. 165 f.; il. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Porto Alegre, RS, 2014.

MINAYO, M.C.S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: NJAINE, K.; ASSIS, S.G.; CONSTANTINO, P. (Org). **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2013.

MOREIRA, V.L; BASTOS, G.G.; ROMÃO, L.M.S. Discurso homofóbico em blogs: tessituras da violência e(m) rede. **Calidoscópio**, v. 10, n. 2, p. 161-170, maio/ago, 2012.

NATIVIDADE, M.T. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **RBCS**, v. 21 n. 61, Jun. 2006.

\_\_\_\_\_. Homofobia religiosa e direitos LGBT: Notas de pesquisa. **Latitude**, v. 7, n. 1, p. 33- 51, 2013.

NATIVIDADE, M.T; OLIVEIRA, L. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 2, p. 121 = 161, 2009. Disponível em: <[www.sexualidadsaludysociedad.org](http://www.sexualidadsaludysociedad.org)>. Acesso em: 14 Jun. 2015.

NUSSBAUMER, G.M. Homossexualidade e subjetividade on line: um estudo de comunidades virtuais gays. **ALCEU**, v.6, n.11, p. 64-76, jul./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. Cibercultura, sociabilidade e subjetivação. **O Olho da História**, n. 14, Jun. 2010.

O DISCURSO HOMOFÓBICO NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET: UMA ANÁLISE  
NO FACEBOOK “RIO SEM HOMOFOBIA- GRUPO PÚBLICO”

MONICA LUCIA GOMES DANTAS E ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

O'REILLY, T. **What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. USA: O'Reilly Publishing, 2005.

PERUZZO, C.; BRITTES, J. **Sociedade da informação e novas mídias: participação ou exclusão?** São Paulo: Intercom, 2002.

\_\_\_\_\_. Internet e democracia comunicacional: entre os entraves, utopias e o direito à comunicação. In. SATHLER, L.; MELO, J. M. (Org.). **Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.

RANGEL, BA L. Discurso de ódio e PLC 122/06: liberdade de expressão ou direito de discriminar?/Bruna Leão Rangel .90 f. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Direito. UNB. Brasília, 2013.

RECUERO, R.; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. **Galaxia**, n. 26, p. 239-254, dez. 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/14478> >. Acesso em: 03 Mar. 2015.

VIANNA, C; RAMIRES, L. A eloquência do silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. **Revista psicologia política** [online], v. 8, n.16, p. 345-362, 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-49X2008000200011&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-49X2008000200011&script=sci_abstract) >. Acesso em: 03 Mar. 2015.